



A Pátria à humanidade: O internacionalista e o internacionalismo de Cuba

Davi Antunes da Luz¹

Resumo

Há muito que dizer sobre Cuba, mas há muito mais para mostrar. Entre a teoria e a prática, o presente ensaio fotográfico representa uma pequena coletânea de fotos feitas na ilha caribenha, entre setembro de 2024 e novembro do mesmo ano. Iniciamos com uma indagação sobre o “internacionalismo” nas Relações Internacionais. Depois passamos por uma série de eventos que trazem à tona o internacionalismo cubano. Por fim, cumprindo com o objetivo da nossa explanação introdutória, consiste destacar o papel internacionalista da Revolução Cubana. Finalizamos com fotos que demarcam, entre estátuas e marchas, o caminhar desta luta na Maior das Antilhas.

Palavras-chave: Cuba, Relações Internacionais, Internacionalismo, Internacionalista.

La Patria a la humanidad: El internacionalista y el internacionalismo de Cuba

Resumen

Hay mucho que decir sobre Cuba, pero hay mucho más que mostrar. Entre la teoría y la práctica, este ensayo fotográfico representa una pequeña colección de fotos tomadas en la isla caribeña entre septiembre de 2024 y noviembre del mismo año. Comenzamos con una pregunta sobre el “internacionalismo” en las Relaciones Internacionales. Luego, pasamos por una serie de eventos que destacan el internacionalismo cubano. Finalmente, cumpliendo con el objetivo de nuestra explicación introductoria, se trata de resaltar el papel internacionalista de la Revolución Cubana. Concluimos con fotos que señalan, entre estatuas y marchas, el caminar de esta lucha en la Mayor de las Antillas.

Palabras-clave: Cuba, Relaciones Internacionales, Internacionalismo, Internacionalista.

The Homeland to Humanity: The internationalist and the internationalism of Cuba

Abstract

There is much to say about Cuba, but there is even more to show. Between theory and practice, this photographic essay represents a small collection of photos taken on the

¹ Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Serviço Social também pela mesma universidade. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Serviço Social pela UFSC e bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pesquisador temporário do Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA-UFSC). Atualmente realizando um período de investigação na Faculdade de Economia da Universidad de La Habana pelo Programa de Doutorado Sanduiche no Exterior (PDSE-CAPES). E-mail: antunnesdavi@gmail.com.

Caribbean island between September 2024 and November of the same year. We begin with a question about "internationalism" in International Relations. Then, we move through a series of events that bring Cuban internationalism to the forefront. Finally, fulfilling the objective of our introductory explanation, the aim is to highlight the internationalist role of the Cuban Revolution. We conclude with photos that mark, through statues and marches, the path of this struggle in the Largest of the Antilles.

Key words: Cuba, International Relations, Internationalism, Internationalist.

[...] *ser internacionalistas es saldar nuestra propia deuda con la humanidad. Quien no sea capaz de luchar por otros, no será nunca suficientemente capaz de luchar por sí mismo.* (Parte do discurso pronunciado pelo Comandante em Chefe Fidel Castro Ruz, no dia 5 de dezembro de 1988, no ato de Comemoração do XXXII Aniversário de desembarque do "Granma")

Diferentemente do que afirmam alguns dos meus companheiros formados nos cursos de Relações Internacionais no Brasil, acredito que o título de “internacionalista” não seja o mais apropriado para designar os graduados nesse curso. No entanto, entendo o apelo de optar por essa denominação: é inegavelmente um título mais atraente que o antiquado “bacharel em Relações Internacionais”²; serve para reivindicar um espaço na divisão social do trabalho³; para muitos que desconhecem, não compreendem ou até buscam deliberadamente mistificar o verdadeiro significado de “internacionalismo”⁴, sugere uma posição na intelectualidade acadêmica pós-moderna cosmopolita; associa os graduandos que encontram seu lugar dentre organizações internacionais e não governamentais a imagem de um agente especial “sem fronteiras”, defensor dos direitos humanos e dos povos oprimidos; e há até mesmo casos em que o título é atrelado à construção pessoal de um estilo de vida “*Wanderlust*” de “cidadão do mundo”, transformando-se na figura de um turista profissional com diploma.⁵

Por que, então, iniciar um ensaio fotográfico sobre Cuba com uma crítica a esse ideal reproduzido por ex-colegas do curso de Relações Internacionais? Isto não se dá por uma crítica pessoal; muito pelo contrário, todo resultado e desenvolvimento são coletivos e eu compartilho o mesmo chão e interesses que muitos. Mas sim porque buscamos, a nosso ver, o que há de melhor na América Latina tanto no que diz respeito ao internacionalismo, quanto na construção de um projeto de Pátria e de um “Novo Homem”.

² Alguns até preferem “analista de Relações Internacionais” pelo aparente *gravitas*. No entanto, este título é pouco exclusivo, já que nos dias de hoje qualquer meia-boca falando sobre política internacional em uma emissora de televisão pode ser considerado um analista de Relações Internacionais.

³ No presente momento, no Brasil, sequer há uma profissão regulamentada para os formandos de Relações Internacionais. Ademais, a profissão – seja lá qual for o seu nome – sequer possui um resquício de um fundamento ético-político.

⁴ O que prova não só uma deficiência nos cursos de Relações Internacionais no Brasil, mas da própria universidade e da educação no país.

⁵ Afinal, “estou só de passagem nesse mundo!”

O socialismo caribenho, mesmo com todas as suas contradições, é, na prática e na teoria, o que chegamos mais próximo, neste continente subdesenvolvido e dependente, da união entre o comprometimento político e o exercício de defesa da nação e dos interesses dos povos. Afinal, mesmo sendo devastada até os dias de hoje pelo imperialismo, Cuba nutre e nutre-se da luta por todas as causas justas. E aqui corremos em defesa do internacionalismo como tema e ação. Ele deve ser resgatado, lapidado e avançado nas mais diversas áreas do conhecimento, porém, essencialmente, reafirmamos a sua relevância e apreensão no ensino das Relações Internacionais⁶. Portanto, este ensaio, também, serve como um convite para que estudem e conheçam a América Latina de forma consciente e crítica, rumo ao nosso necessário dever social de defender e lutar pelos interesses da classe trabalhadora de todo o mundo – e não a exemplo melhor que Cuba nesta tarefa.

Los que luchan por el comunismo dentro de cualquier país del mundo, no pueden nunca olvidarse del resto del mundo y cuál es la situación de miseria, de subdesarrollo, de pobreza, de ignorancia, de explotación en este resto del mundo (Discurso dado pelo Comandante em Chefe Fidel Castro Ruz, na rede de televisão cubana em 23 de agosto de 1968).

O presente ensaio fotográfico se dá como fruto de um processo investigativo e de vivência na capital *habanera* de Cuba, e consiste em uma série de fotos *sacadas* entre setembro de 2024 e novembro do mesmo ano. Entre estátuas e murais, buscamos retratar o movimento e a marcha de um povo que caminha levando junto à bandeira do comunismo os pilares do internacionalismo. Por contradição, Cuba continua como a melhor referência de socialismo e de alternativa à barbárie na América Latina. O enfrentamento diário contra um gigante – que “sempre esteve aí”, como diria a jornalista, e grande amiga do dia a dia no IELA, Elaine Tavares – traz não só desafios, mas desenvolvimentos próprios a uma economia dependente como a cubana. Antes de chegar às fotos, continuaremos de forma breve e concisa nossa exposição inicial, destacando desde exemplos históricos um pouco sobre o que é ser internacionalista de/com/em Cuba.

Historicamente, o título de “internacionalista” tem sido associado aos movimentos, governos e partidos comunistas que, desde os tempos de Marx e Engels na Primeira Internacional, tem desenvolvido o internacionalismo como sendo um dos pilares ideológicos e princípios políticos fundamentais da classe trabalhadora na luta contra o capitalismo. A Revolução Cubana, desde que afirmou o seu caráter socialista, nunca deixou de lado por um momento a importância do internacionalismo como parte fundamental do seu caminho à

⁶ Ainda que, pessoalmente, tenhamos “fugido” para outra área do conhecimento, nunca deixaremos de lado a nossa o exercício político-intelectual que nos formou.

solidariedade e humanismo. No entanto, as origens desta tarefa na maior das Antilhas podem ser recordadas desde antes mesmo de o marxismo fincar seus pés na América Latina e a prova cabal está nas lutas por independência no continente que trazem casos como o General Cubano Máximo Gómez, que lutou no exército de Bolívar, e de José Martí que propôs como fundamental a defesa dos interesses de *Nuestra América*.

No entanto, nos serve aqui retratar principalmente o internacionalismo de Cuba depois da Revolução de 1959: da Cuba da campanha de alfabetização nacional – que vira internacional; do país de Fidel, de Raul, de Che, de Camilo Cienfuegos, de Haydee Santamaria – idealizadora da Casa das Américas, um dos maiores espaços do pensamento crítico latino-americano – e de tantos outras e outros que lutaram e lutam pela Revolução; falar sobre as campanhas nacionais de doação de sangue para as vítimas de desastres naturais como os terremotos no Haiti e no Peru; debater sobre o país que foi sede da Conferência Tricontinental em 1966 – e que resultou na criação da revista do mesmo nome – e que celebrou um ano depois a Primeira Conferência da Organização Latino-americana de Solidariedade (OLAS); prezar e relembrar os esforços diretos que as forças cubanas tiveram ao ajudar nas independências, revoluções e na defesa de outras nações pelo mundo - com destaque as campanhas no continente africano, em especial na África do Sul contra o Apartheid, e a luta junto ao povo vietnamita contra o imperialismo estadunidense; celebrar o país que durante décadas tem destinado milhares de bolsas de estudos a refugiados e imigrantes e que vê seus compatriotas saírem em jornadas internacionais de saúde - que vão desde acidentes nucleares e radiológicos, como os de Chernobil e de Goiânia, até o Ebola, passando pela COVID-19 e a Dengue.

Podíamos enumerar muitos outros casos do internacionalismo de Cuba com outras nações, mas acreditamos que devemos destacar a solidariedade de outros povos com a nação caribenha – especialmente diante do embargo econômico que ainda está vigente. No século passado, a União Soviética desempenhou um papel decisivo ao mitigar os impactos da supressão da cota açucareira, que estrangulava comercialmente Cuba e acentuava o intercâmbio desigual no país. Mais recentemente, a República Bolivariana da Venezuela, desde Chávez até Maduro, tem sido um dos principais parceiros de Cuba. Vide exemplo da atualidade do tema imperialismo, a votação para o fim do bloqueio na Organização das Nações Unidas até os dias de hoje é unânime a favor de Cuba – exceto pelos votos contrários dos Estados Unidos e de Israel.

Exemplos como estes que reforçamos o ponto inicial deste texto sobre o significado de ser “internacionalista” e o valor do verdadeiro “internacionalismo”: a solidariedade entre

povos à favor da humanidade deve estar sempre aliada à denúncia e à luta contra as ações imperialistas e, por nenhum momento, pode ser indissociada da defesa da Revolução.

Para concluir esta explanação, algumas ideias finais: para que as Relações Internacionais se torne necessária há que sair da miséria ideológica, que é, fundamentalmente, impulsionada pela decadência da dependência; o exílio teórico e de conhecimento latino-americano sobre Cuba ainda é notável, portanto, trazer à tona um pouco desde país nunca é demais; a Revolução Cubana se aproxima do seu septuagésimo aniversário, no entanto, por nenhum minuto, dentre erros e acertos, ela perdeu sua grandeza moral. Por fim, Cuba permanece como um farol para os povos aqueles que lutam pelas causas justas, aqui a solidariedade e a reciprocidade hão de fazer casa à humanidade – Pátria ou morte, venceremos.

*Patria es humanidad,
es aquella porción de la humanidad que vemos más de cerca y en que nos tocó
nacer; y ni se ha de permitir con el engaño del santo hombre se defienda a
monarquías inútiles, religiones ventrudas o políticas descaradas y hambronas, ni
porque a estos pecados se dé a menudo el nombre de patria, ha de negarse el
hombre a cumplir su deber humanidad, en la porción de ella que tiene más cerca.
Esto es luz y del Sol no se sale. Patria es eso.*
(José Martí)

A América Latina não quer e nem tem porque ser um peão sem rumo ou decisão,
nem tem nada de quimérico para que seus desígnios de independência e
originalidade se convertam em uma aspiração ocidental.
(Gabriel García - A solidão da América Latina)



Estátua de José Martí segurando Elián González, em frente à Tribuna Anti-imperialista, durante a marcha a favor da causa palestina.



Tribuna Anti-imperialista em frente à Embaixada Estadunidense, no dia de Marcha a favor da causa palestina.



Estátua do presidente chileno Salvador Allende, foto tirada no dia comemorativo da data de sua morte.



Marcha do povo cubano em homenagem a Camilo Cienfuegos, durante o dia comemorativo da data de sua morte.



Estátua de Yasser Arafat, no município de Playa, inaugurada no vigésimo aniversário de morte do líder palestino.



Grupo segurando a bandeira iraniana durante a concentração anterior à marcha a favor da causa palestina.



Estátua do Líder Máximo da Revolução Panamenha e Comandante-Chefe da Guarda Nacional, Omar Torrijos, na Avenida dos Presidentes em Havana.



Concentração na Praça da Revolução durante a homenagem a Camilo Cienfuegos.



Mural dedicado ao presidente Hugo Chávez da Venezuela no bairro Jaimanitas.



Concentração anterior à marcha pela causa palestina.



Painel de bronze localizado na esquina da capital *habanera*, intersecção entre a Calle 12 y 23, onde foi declarado o caráter socialista da Revolução.